

## Faixa pela paz

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do TRF da  
5ª Região

Tudo começou, de fato, com a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel, vencedor, ocupou a Faixa de Gaza, conquistou a península egípcia do Sinai, as colinas sírias do Golan, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental.

Ampliou, assim, os seus domínios por “terras nunca d’antes viajadas”, desculpando o toque camoniano da metáfora.

Em 1979, o Governo de Israel firmou um acordo com o Egito e devolveu a península do Sinai.

Ficaram os outros focos de beligerância.

Por todo esse longo tempo, o Oriente Médio transformou-se em um verdadeiro barril de pólvora.

Nesse contexto, a Faixa de Gaza é uma das áreas mais conflituosas da região.

A decisão do primeiro-ministro Ariel Sharon, desocupando a Faixa de Gaza e assentamentos da Cisjordânia, é um passo importante à construção da concórdia com o mundo palestino, mas é, enfatize-se, um gesto arriscado, por mexer com o brios e sentimentos religiosos do povo judeu.

Afinal, as 21 colônias judaicas da Faixa de Gaza e os quatro pequenos assentamentos da Cisjordânia, que serão deslocados, reclamam da medida, alegando ser aquele chão a parte da “Terra Prometida por Deus aos judeus”, e, na sua ótica, se “sentem traídos por Ariel Sharon, um dos principais promotores da colonização judaica dos territórios ocupados por Israel em 1967”.

Reconheça-se, a bem da História, que Sharon tem agido com régua e compasso, medindo todos os seus atos.

Assim, confiante num tratamento de urbanidade dos palestinos em relação aos judeus que estavam sendo retirados dos acampamentos da Faixa de Gaza, o primeiro-ministro de Israel observou afirmativo: “O mundo está esperando pela resposta palestina – uma mão estendida à paz ou o fogo do terror. Para uma mão estendida responderemos com um ramo de oliveira, mas vamos reagir ao fogo com o maior fogo já visto”.

Sem dúvida, o 15 de agosto de 2005 tem tudo para ser uma efeméride internacional.

E, com certeza, na sua formatação, o espírito aberto de Ariel Sharon, lembrando, com um aceno bíblico, que “não podemos manter Gaza para sempre. Mais de um milhão de palestinos vivem lá e dobram seu número a cada geração. Eles vivem em campos refugiados superpovoados, em condições incomuns, em pobreza e desespero, em meio a ódio crescente, sem esperança no horizonte”.

Assim, o mundo espera que, ao pé do sagrado Muro das Lamentações, se façam preces e juras à compreensão entre aqueles povos.

Com certeza, ante tal paisagem, Gaza será uma Faixa pela paz.